



Tramitação Editorial:

Data de submissão (recebimento):
01/01/2020.

Data de reformulação:
10/02/2020

Data de aceitação (expedição de carta de
aceite): 01/03/2020

Data de disponibilização no site
(publicação): 20/03/2020

DOI: <http://doi.org/10.5281/zenodo.3891915>

Publicado: 2020-06-12

MOVIMENTO ANTIVACINA: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA SOBRE FATORES DE ADESÃO E NÃO ADESÃO À VACINAÇÃO

*ANTI-VACCINE MOVEMENT: NARRATIVE REVIEW OF THE LITERATURE ON
ADHERENCE AND NON-ADHERENCE TO VACCINATION FACTORS*

*Flavia da Trindade Passos¹
Iel Marciano de Moraes Filho²*

Resumo

Introdução: Atualmente, mais do que a desinformação, a presença de informações falsas nas mídias sociais tem levado a um novo movimento antivacina. **Objetivo:** Descrever, de acordo com a literatura, quais fatores contribuem para adesão *versus* a não adesão às vacinas. **Método:** Trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura com abordagem qualitativa. Foram utilizados estudos obtidos através das bases Biblioteca Virtual Em Saúde, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, *Scientific Electronic Library Online* e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. **Resultados e discussão:** O total de 15 artigos foram analisados. A falta de informações tem contribuído para a reemergência de doenças infecciosas em diversos países no mundo e põe em risco planos globais para a

¹ Graduando em Enfermagem Pela Universidade Paulista UNIP

² Possui graduação em Enfermagem pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2014). Especialização em Enfermagem do Trabalho pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2016). Mestre em Ciências Ambientais e saúde pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2017). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0798-3949> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4540309486777873>. E-mail: ielfilho@yahoo.com.br.

erradicação de doenças infecciosas. É preciso ter equipes de saúde devidamente capacitadas nos serviços de atenção primário à saúde, para uma abordagem segura e rica em informações técnicas, capazes de levantar questionamentos em comportamentos antivacinais. **Conclusão:** O engajamento dos profissionais da saúde em conjunto ao Ministério da Saúde é de grande relevância para a solidez e adesão de toda comunidade em todas as faixas etárias as Campanhas de Vacinação.

Palavras-chave: Vacinas; Recusa de Vacinação; Movimento contra Vacinação; Doenças Preveníveis por Vacina.

Abstract

Introduction: *Currently, more than misinformation, the presence of false information on social media has led to a new anti-vaccination movement.* **Objective:** *to describe, according to the literature, which factors contribute to adherence versus non-adherence as vaccines.* **Method:** *this is a study of narrative literature review with a qualitative approach. Studies used through the Virtual Health Library, Latin American and Caribbean Health Sciences, Online Scientific Electronic Library and a Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations were used.* **Results and discussion:** *a total of 15 articles were analyzed. The lack of information has contributed to the reemergence of infectious diseases in several countries around the world and puts global plans for the eradication of infectious diseases at risk. It is necessary to have health teams duly trained in primary health care services, for a safe approach and rich in technical information, capable of raising questions in anti-vaccine applications.* **Conclusion:** *the engagement of Health Professionals in conjunction with the Ministry of Health and great relevance for the solidity and adhesion of the whole community in all age groups as Vaccination Campaigns.*

Keywords: *Vaccines; Refusal of Vaccination; Movement against Vaccination; Vaccine Preventable Diseases.*

INTRODUÇÃO

As polêmicas em torno das Campanhas Vacinais e sua eficácia são antigas. Já nos anos de 1900, houve manifesto popular que ficou conhecido como “Revolta da Vacina”, em que a população, sem informações dos benéficos da imunização, manifestou-se contra a vacinação compulsória. Então, as brigadas sanitárias adentravam as casas e vacinavam as pessoas sem o consentimento delas. Mesmo com a oposição dos meios de comunicação da época e da manifestação popular, Oswaldo Cruz foi o responsável pela medida radical e obrigatória e acabou por ocupar uma posição política que lhe possibilitou trabalhar na estruturação da Saúde Pública do Brasil. Oswaldo Cruz então assumiu a Diretoria Geral de Saúde Pública, cargo que na época equivalia ao de ministro da Saúde, e torna a cidade do Rio de Janeiro um grande laboratório de combate a doenças infectocontagiosas¹.

Em 11 de novembro de 1904, explodiu o motim popular cujo caos e as depredações tomaram conta da cidade do Rio de Janeiro por uma semana. Pelotões do governo disparavam contra a multidão na tentativa de controlar a situação. O movimento “Revolta da Vacina” deixou um saldo negativo de 23 mortos, 67 feridos, além de 945 pessoas presas, transferidas para o estado do Acre e submetidas a trabalhos forçados. O movimento se justificou não só pela obrigatoriedade da vacinação, mas também pela falta de informação sobre os efeitos que a vacina causaria¹.

Nos dias atuais, mais do que a desinformação, as informações falsas nas mídias sociais induzem a um novo movimento antivacinal. Associada à falta de informação, as fakes news disseminadas pelas influentes mídias digitais contribuem com a queda nas taxas de cobertura vacinal. E, o efeito da não vacinação, sem dúvida, gera um grande impacto epidemiológico provocando o ressurgimento de doenças já erradicadas no Brasil, como o sarampo, poliomielite, difteria e rubéola que voltam a ameaçar a saúde pública brasileira. Os profissionais da saúde devem assumir o papel de divulgar informações verídicas como os benefícios da vacinação, com embasamento científico sobre o tema, com compromisso ético e profissional junto à sociedade².

No Brasil podemos citar algumas doenças erradicadas e controladas com a adesão às vacinas: varíola (1973), poliomielite (1989), sarampo (2016) e a redução da difteria, coqueluche, tétano neonatal e acidental. Com o crescimento do movimento antivacina, houve um surto em 2018 de sarampo, assim como a poliomielite corre grande perigo de reintrodução em pelo menos 312 cidades brasileiras³.

A decisão de não vacinar de longe pode ser encarada como uma negligência de cuidados, pois, para os pais que decidem não vacinar, a percepção de cuidado é diferente dos adeptos à vacinação. Para o entendimento da recusa vacinal, é preciso fazer uma abordagem mais ampla, ir além da normatização biomédica e promover um diálogo mais amplo⁴.

Os profissionais da saúde podem e devem se engajar com o Ministério da Saúde incentivando a vacinação. O enfermeiro que é responsável pela sala de vacinação, deve desenvolver uma visão, não apenas na administração do imunobiológico, como também planejar, desenvolver e executar ações que visam

solucionar dificuldades para uma boa adesão à vacina, demonstrando os possíveis efeitos adversos e fortalecer a eficácia da vacinação e a sua importância para a qualidade da saúde³.

Dessa forma, o objetivo desse estudo foi descrever, de acordo com a literatura, quais fatores contribuem para adesão *versus* a não adesão às vacinas.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura com abordagem qualitativa. Foram utilizados estudos obtidos através das seguintes bases: Biblioteca Virtual Em Saúde (BVS); Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) Foram combinados como descritores as expressões seguintes: “Vacinas”, “Recusa de Vacinação”, “Movimento contra Vacinação”, “Doenças Preveníveis por Vacina”.

Foram selecionados textos publicados até 2020, em português e que versassem sobre o tema proposto. Foram excluídos materiais publicados antes de 1984, que não apresentaram ligação com o tema ou que não estivessem em língua portuguesa. Após a seleção dos documentos que atendiam os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, foram selecionados seis estudos considerados pertinentes para a presente pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Quadro 1 apresenta o quadro sinóptico dessa revisão referentes aos 15 artigos, sendo eles categorizados por: autor, ano, título, método, conclusão e revista.

Com relação ao título dos artigos, 15 (100%) contemplavam a temática da revisão e permeavam os descritores selecionados. Quanto aos objetivos indicados pelos autores, 10 (66,6%) dos estudos abordam a importância de adesão às campanhas vacinais e os perigos a não adesão à imunização. Relativo à abordagem observa-se que 11 (77,3%) se tratava de pesquisa de campo qualitativa, um único artigo (6,7%) abrange pesquisa de campo quantitativa e 3 (20%) estudos de revisão.

Em relação aos anos de publicações, os maiores anos de publicação relacionados ao tema são 2011 e 2012, com um total de 4 (26,7%) publicações, enquanto as menores publicações em 1984, 1999 e 2004 tiveram uma única

publicação (20%). No geral, a tabela mostra que há um maior interesse à temática em 2011 e 2012. Após 2004, havia 12 (80%) publicações sobre o assunto.

Quadro 1 – Distribuição dos artigos de acordo com os autores, ano de publicação, título, método, conclusão e revista.

Autor	Ano	Título	Método	Conclusão	Revista
Silvia Lúcia Ferreira.	1984	Crenças das mães em relação à vacinação.	Pesquisa de Campo Qualitativa.	Identificar a importância das variáveis do modelo de crenças em saúde no comportamento das mães que iniciam a vacinação básica dos filhos.	Revista Brasileira de Entomologia.
Antônio Augusto Moura da Silva; Uilho Antônio Gomes; Sueli Rosina Tonial; Raimundo Antonio da Silva.	1999	Cobertura vacinal e fatores de risco associados à não-vacinação em localidade urbana do nordeste brasileiro, 1994.	Pesquisa de Campo Qualitativa.	A identificação da cobertura vacinal e dos fatores responsáveis pelo retardo ou falta de imunizações para a adequada monitorização dos programas de vacinação; Identificar e vacinar crianças não imunizadas adequadamente.	Revista de Saúde Pública.
Zélia Maria de Sousa; Araújo Santos; Vera Lúcia Montenegro Albuquerque; Francisco Hadson Sidor Sampaio.	2004	Vacinação – o que o usuário sabe?	Pesquisa de Campo Quantitativo.	A identificação do conhecimento do usuário sobre vacinação.	Revista Brasileira em Promoção da Saúde.

Pâmera Cristal Fontes Santos; Anna Klara Bohland; Antonio Carvalho Paixão.	2009	Oportunidades perdidas de vacinação em hospital de referência pediátrica, em Aracaju (SE), BR.	Pesquisa de Campo Qualitativa.	Descrever a situação vacinal em crianças de até 12 anos, atendidas em um hospital público de referência estadual de Aracaju (Sergipe) segundo características epidemiológicas, bem como determinar as principais causas e a taxa de oportunidade perdidas de vacinação (OPV).	Revista de APS - Atenção Primária à Saúde.
Priscila Maria Stolses Bergamo Francisco; Marilisa Berti de Azevedo Barros; Maria Rita Donalísio Cordeiro.	2011	Vacinação contra influenza em idosos: prevalência, fatores associados e motivos da não-adesão em campinas, São Paulo, Brasil.	Pesquisa de Campo Qualitativa.	Avaliar a prevalência de vacinação contra influenza em idosos, identificar os fatores associados e motivos da não-adesão à imunização.	Cadernos de Saúde Pública.
Leiliane Bezerra Santos; Cristina Costa Melquíades Barreto; Francisca Lívia Sepúlveda Silva; Kamila Cristiane de Oliveira Silva.	2011	Percepção das mães quanto à importância da imunização infantil.	Pesquisa de Campo Qualitativa.	A percepção das mães sobre a importância da imunização.	Revista RENE, Fortaleza.
Ludmila Mourão Xavier Gomes; Kátia Ribeiro Antunes; Thiago Luís Andrade Barbosa; Carla Silvana Oliveira Silva.	2012	Motivos que levaram os idosos a não se vacinarem contra a influenza sazonal.	Pesquisa de Campo Qualitativa.	Compreender os motivos que levaram os idosos a não se vacinarem contra a Influenza sazonal.	Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online.
Catrine de Jesus Sousa; Zaira de Lima Vigo; Cátia Suely Palmeira.	2012	Compreensão dos pais acerca da importância da vacinação infantil.	Pesquisa de Campo Qualitativa.	A compreensão pelos pais/responsáveis da importância da vacinação infantil é fundamental para a adesão ao esquema vacinal completo.	Revista Enfermagem Contemporânea.
Bárbara Fernanda Barroso Pereira; Magda Aparecida Santos Martins; Thiago Luis de Andrade Barbosa; Carla Silvana Oliveira e Silva; Ludmila Mourão Xavier Gomes.	2013	Motivos que levaram as gestantes a não se vacinarem contra H1N1.	Pesquisa de Campo Qualitativa.	Compreender os motivos que levaram as gestantes a não se vacinarem contra a Influenza A.	Ciência & Saúde Coletiva.

Marcia Thereza Couto; Carolina Luisa Alves Barbieri.	2015	Cuidar e (não) vacinar no contexto de famílias de alta renda e escolaridade em São Paulo, SP, Brasil.	Pesquisa de Campo Qualitativa	Analisar a dimensão do cuidado parental e suas relações ao decidir (não) vacinar os filhos no contexto de famílias de alta renda e escolaridade.	Ciência & Saúde Coletiva.
Roudom Ferreira Moura; Fabíola Bof de Andrade; Yeda Aparecida Oliveira Duarte; Maria Lúcia Lebrão; José Leopoldo Ferreira Antunes.	2015	Fatores associados à adesão à vacinação anti-influenza em idosos não institucionalizados, São Paulo, Brasil.	Revisão.	Estimar a cobertura vacinal contra a influenza em idosos e identificar os fatores associados à adesão à vacinação.	Cadernos de Saúde Pública.
Natalie Vieira Zaninia; Bianca Stawinski Pradoa; Rafael de Castro Hendgesa; Carolina Arnaut dos Santosa; Fernanda Vieira; Rodovalho Callegarib; Marcelo Picinin Bernucia.	2017	Motivos para recusa da vacina contra o papilomavírus humano entre adolescentes de 11 a 14 anos no município de Maringá-PR.	Pesquisa de Campo Qualitativa.	Identificar o nível de conhecimento das adolescentes acerca do vírus e da vacina; Descrever os motivos pelos quais elas não se vacinaram.	Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade.
Carolina Luisa Alves Barbieri; Márcia Thereza Couto; Fernando Mussa Abujamra Aith.	2017	A (não) vacinação infantil entre a cultura e a lei: os significados atribuídos por casais de camadas médias de São Paulo, Brasil.	Pesquisa de Campo Qualitativa.	Pais que tomam decisões distintas perante a vacinação do filho significam as normas de vacinação do país por meio de suas vivências.	Cadernos de Saúde Pública.
Luana Raposo de Melo Moraes Aps; Marco Aurélio Floriano Piantola; Sara Araujo Pereira; Julia Tavares de Castro; Fernanda Ayane de Oliveira Santos; Luís Carlos de Souza Ferreira;	2018	Eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação: uma análise crítica.	Revisão.	A população bem informada quanto aos benefícios da vacinação e os profissionais da saúde devem assumir o papel de divulgar informações verídicas e com respaldo científico como compromisso ético e profissional junto à sociedade.	Revista de Saúde Pública.
Mayla Yara Porto.	2020	Uma revolta popular contra a vacinação.	Revisão.	Sem os necessários esclarecimentos à população, a campanha da vacina obrigatória canalizou um crescente descontentamento popular.	Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência.

Fonte :Autores, 2020.

Para melhor entendimento dos resultados, eles foram divididos em duas categorias temáticas: Fatores para a não adesão às vacinas e Fatores para a adesão às vacinas.

Fatores para a não adesão às vacinas

As notícias que circulam em mídias sociais influenciam muito na decisão em vacinar ou não vacinar. A grande parte dessas notícias não possuem embasamento técnico científico algum. Tais postagens, que podemos nomear como fake news, têm grande circulação e influência sobre a população que procura informações em internet, jornais e na TV⁵.

Não obstante, devido a diversos fatores como o nível cultural e econômico dos pais, causas relacionadas a crenças, superstições, mitos e credos religiosos, muitas crianças deixam de ser vacinadas³.

A falta de informações tem contribuído para a reemergência de doenças infecciosas em diversos países no mundo e põe em risco planos globais para a erradicação de doenças infecciosas. Logo, os movimentos antivacinais distorcem e divulgam fake news que alegam ter bases científicas para questionamentos da eficácia e segurança de várias vacinas^{2,6}.

A falta de informações adequadas faz com que população acredite em notícias falsas e assim aderirem aos movimentos contra a vacinação e optar pela não imunização. Podemos citar a associação temporal sem base causal recentemente divulgada na mídia como a ocorrência de casos de paralisia temporária após a imunização com a vacina contra o vírus papiloma humano (HPV); exacerbação de doenças autoimunes; doenças neurológicas como Alzheimer e as síndromes incluídas no Transtorno de Espectro Autista (TEA). No entanto, em nenhuma delas foi relatada uma correlação a partir de análises científicas^{2,7}.

O medo, a falta de informação e circulação de falsas notícias, evidenciam a queda na adesão vacinal, pois, muitos acreditam que as reações adversas como reações inflamatórias locais e, com frequência muito menor, efeitos sistêmicos, alergias, Síndrome da Guerra do Golfo (variedade de sintomas psicológicos e físicos, incluindo aumentos na taxa de desordens do sistema imunológico e defeitos congênitos), narcolepsia (um distúrbio do sono caracterizado por sonolência excessiva durante o dia), eczema e até câncer, estejam relacionadas, entretanto, sem estudos que evidenciem a associação com as vacinas^{2,8}.

Em contradição, na realidade brasileira, diversas doenças que já foram erradicadas e ressurgem devido a uma baixa adesão ao esquema vacinal. O “Movimento Antivacina” é o grande responsável pela queda da adesão ao esquema vacinal, esse movimento é composto por pessoas que acreditam nos supostos efeitos colaterais que a imunização provoca. A necessidade de informação é de grande validade para uma imunização contínua e segura, visto que a ocorrência de eventos adversos vai muito da sensibilidade e predisposição de cada indivíduo. Nota-se que a percepção de cuidado entre os adeptos a vacinação e os não adeptos são culturalmente diferentes. No entendimento dos não vacinadores, a vacina passa a assumir significados de risco e ameaça à saúde. Para eles, o estilo de vida natural sem excessivas intervenções científico-tecnológicas é mais seguro que a exposição a agentes biológicos^{4,9}.

Nas camadas sociais urbanas mais intelectualizadas e que se intensificam a ideia que o indivíduo é único e livre para fazer suas escolhas. Ademais, vacinar ou não vacinar são decisões únicas e exclusivas. São nessas camadas das quais se observam grupos que entendem a reflexão e a decisão em vacinar ou não vacinar se contrapõem a obrigatoriedade da vacinação e do calendário preconizado pelas normas vigentes da saúde pública brasileira⁴.

O crescimento do Movimento Antivacina preocupa especialistas na área de saúde em todo mundo. É preciso ter equipes de saúde devidamente capacitadas nos serviços de atenção primário à saúde para uma abordagem segura e rica em informações técnicas, capazes de levantar questionamentos em comportamentos antivacinais. O que poderá mudar esse quadro que cresce a cada dia, são esclarecimentos fidedignos de possíveis reações às vacinas, mas que essas reações são menos constantes e maléficas do que o risco de contágio e o aumento da transmissibilidade das doenças que pode ser evitada com a adesão ao calendário vacinal^{4,10}.

Fatores para a adesão às vacinas

Observamos que a decisão de vacinar parte da concepção de cuidado, onde se estabelece a confiança na eficácia da vacina que previne o contágio de doenças que acometem a primeira infância podendo levar ao óbito ou a sequelas para toda vida³.

A imunização apresenta o procedimento de menor custo e maior efetividade e deve ser colocada como modificador de doenças que levam a morbidades e a óbitos causadas pelas doenças imunopreveníveis¹¹.

As vacinas são a principal estratégia para proteção e combate a doenças infectocontagiosas, a adesão ao esquema vacinal, além de evitar ocorrência de surtos endêmicos, tem objetivo de controlar e erradicar essas doenças^{3,12}.

Vale ressaltar que o profissional da saúde esteja atento ao esquema vacinal da população e assim, evitar que crianças e adultos aptos à imunização não desperdicem a oportunidade de vacinação ao ter contato com serviços de saúde. O enfermeiro é peça chave na abordagem e no entendimento da importância de manter o esquema vacinal em dia e assim proteger a população de doenças e surtos endêmicos. A abordagem deve levar em consideração diferenças sociais, culturais e econômicas que contribuem diretamente no entendimento da importância e eficácia das vacinas¹³.

É preciso salientar que a mídia também tem um papel relevante com relação a divulgação das campanhas vacinais. Se a população entender que as vacinas têm os benefícios de blindar o organismo contra doenças infectocontagiosa, e que somente a vacinação é capaz de impedir o contágio, é demonstrada uma maior aceitabilidade pelos esquemas vacinais ao longo da vida e em todas as faixas etárias⁵.

As campanhas vacinais estão calcadas legalmente por normas legais, manuais, protocolos e diretrizes, assim atribuem-se o ato da não vacinação de crianças a negligência parental ou “omissão do cuidar”¹⁴.

A vacinação é uma prática de saúde pública que traz bem-estar à população. É um campo fértil e complexo, considerando interesses e características para a comunidade e os conflitos que podem surgir do sistema regulatório seja moral, cultural ou ordem legal. As políticas públicas de imunização contribuíram para a construção de um fortalecimento cultural e moral em torno das campanhas vacinais¹⁵.

CONCLUSÃO

A conclusão a que se chega com esta revisão é que o engajamento dos profissionais da saúde com o Ministério da Saúde é de grande relevância para a

solidez e adesão de toda comunidade em todas as faixas etárias às campanhas de vacinação. Não basta apenas ser uma imposição, a população deve ter consciência de que a vacinação é de extrema importância para a Saúde Pública.

É preciso que as informações científicas cheguem em todos os níveis culturais, econômicos e demográficos com seriedade e sem qualquer distorção dos possíveis efeitos colaterais e da real eficácia que as vacinas, bem como os benefícios de uma saúde de preventiva contra doenças infectocontagiosas que matam e podem deixar sérias sequelas irreversíveis ao longo da vida.

Com uma população devidamente esclarecida e consciente que a imunização é um ato de cuidado e a não adesão às vacinas é mais maléfica do que a adesão, iremos, portanto, combater as fake news e os impactos negativos que elas trazem proliferando falsas notícias, assim contribuindo para a crescente do Movimento Antivacina.

REFERÊNCIAS

1. Porto MY. Uma revolta popular contra a vacinação. *Cienc Cult.* 2003; 55(1): 53-54.
2. Aps LRMM, Piantola MAF, Pereira AS, Castro JT, Santos FAO, Ferreira LCS. Eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação: uma análise crítica. *Rev Saude Publica.* 2018; 52(40):1-13. Doi: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2018052000384>
3. Sousa CJ, Vigo ZL, Palmeira CS. Compreensão dos pais acerca da importância da vacinação infantil. *Rev Enferm Contemp.* 2012; 1(1):44-58. doi: <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3378rec.v1i1.39>
4. Zanini NV, Prado BS, Hendges RC, Santos CA, Callegari FVR, Bernuci MP. Reasons for refusal of human papillomavirus vaccine among adolescent girls between 11 and 14 years of age in the municipality of Maringá-PR. *Ver Bras Med Fam Comunidade.* 2017; 12(39):1-13. Doi: [https://doi.org/10.5712/rbmfc12\(39\)1253](https://doi.org/10.5712/rbmfc12(39)1253)
5. Pereira BFB, Martins MAS, Barbosa TLA, Silva CSO, Gomes LMX. Motivos que levaram as gestantes a não se vacinarem contra H1N1. *Cien Saude Colet.* 2013; 18(6): 1745-1752.
6. Francisco PMSB, Barros MBA, Cordeiro MRD. Vacinação contra influenza em idosos: prevalência, fatores associados e motivos da não-adesão em Campinas, São Paulo, Brasil. *Cad Saúde Pública.* 2011; 27(3):417-426. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2011000300003>
7. Ferreira SF. Crenças das mães em relação à vacinação. *Rev Bras Enferm.* 1984; 37(2):109-115. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71671984000200005>
8. Gomes LMX, Antunes KR, Barbosa TLA, Silva CSO. Motivos que levaram os idosos a não se vacinarem contra a influenza sazonal. *Rev Pesquisa Cuidado é Fundamental Online.* 2012; 4(3):2561-2569.

9. Silva AAM, Gomes UA, Tonial SR, Silva RA. Cobertura vacinal e fatores de risco associados à não-vacinação em localidade urbana do nordeste brasileiro, 1994. *Rev Saúde Pública*. 1999;33(2):147-156. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101999000200006>
10. Moura RF, Andrade FB, Duarte YAO, Lebrão ML, Antunes JLFA. Fatores associados à adesão à vacinação anti-influenza em idosos não institucionalizados, São Paulo, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2015;31(10):2157-2168. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00065414>
11. Santos LB, Barreto CCM, Silva FLS, Silva KCO. Percepção das mães quanto à importância da imunização infantil. *Rev RENE*. 2011; 12(3):621-626.
12. Santos ZMSA, Albuquerque VLM, Sampaio FHS. Vacinação – o que o usuário sabe? *Rev Bras Promoç Saúde*. 2005;18(1):24-30.
13. Santos PCF, Bohland AK, Paixão AC. Oportunidades perdidas de vacinação em hospital de referência pediátrica, em Aracaju (SE), Brasil. *Rev de APS*. 2009;12(1):29-38.
14. Barbieri CLA; Couto MT; Aith FMA. A (não) vacinação infantil entre a cultura e a lei: os significados atribuídos por casais de camadas médias de São Paulo, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2017; 33(2): e001733315. doi: 10.1590/0102-311X00173315
15. Couto MT, Barbieri CLA. Cuidar e (não) vacinar no contexto de famílias de alta renda e escolaridade em São Paulo, SP, Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2015;20(1):105-114. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014201.21952013>